

Ética Planetária e Complexidade num olhar sobre o documentário: “Muito Além do Cidadão Kane”

Sydneia de Oliveira Brito¹⁸

Resumo

O artigo traz a análise sobre os preceitos de Edgard Morin como a Ética Planetária e a Complexidade existentes no documentário realizado pela BBC de Londres no ano de 1993 sobre a Rede Globo de Televisão. O artigo também preconiza que os sujeitos não devem tentar escapar apenas da influência midiática da Rede Globo e sim, unir esforços para uma mudança paradigmática pautada na complexidade, na reflexividade sobre nós mesmos, nossas ideias e atitudes e na responsabilidade planetária.

Palavras-chave: Complexidade; documentário; Rede Globo e mídia.

Antes de adentrar na análise etnográfica (ou ao menos tentar fazê-la), devo deixar claro que se trata de um terceiro “olhar”, afinal o documentário já é um “olhar sobre o olhar” da Rede Globo, sobretudo levando em conta que toda descrição, de acordo com Clifford Geertz, já é em si uma interpretação que se volta para uma determinada realidade. Também é uma interpretação baseada no trabalho do antropólogo, preconizado por Cardoso de Oliveira (2000), onde as ferramentas indispensáveis para um pesquisador são, antes de tudo, usar o olhar e ouvir para depois escrever e é esse o objetivo, então, mãos à obra!

¹⁸Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
E-mail para contato: sydneiabrito@gmail.com

O documentário “Muito Além do Cidadão Kane”, foi produzido pela rede britânica de rádio e TV BBC, em 1993 e aborda a trajetória da Rede Globo, marcada por favoritismos políticos, jogos de poder e financiamentos estrangeiros, tudo para atingir grandes audiências e com isso se transformar na maior rede televisiva do Brasil.

Ressaltando que no Brasil, até a década de 1950, com o país entrando em processo de modernização com o plano de crescimento econômico (“50 anos em 5”) no governo de Juscelino Kubitschek, o meio de comunicação mais utilizado era o rádio. Diariamente, as pessoas se reuniam em praças públicas ou em suas casas para ouvir programas musicais, noticiários, rádio-novelas, entre outras atrações. Ao mesmo tempo, nessa década, surgiram as primeiras emissoras de televisão, fruto de concessões presidenciais para correligionários ou simpatizantes políticos. Mas inicialmente, devido ao hábito da maioria dos brasileiros de ouvir rádio e pelo seu baixo poder aquisitivo, a televisão não obteve a adesão popular.

Portanto, para ganhar audiência, foi necessário transportar as atrações mais famosas do rádio para a televisão, além disso, o governo distribuiu alguns televisores em praças e em estádios e facilitou o financiamento para a compra de aparelhos de TV. E, segundo o citado documentário, todas essas medidas a favor da popularização da televisão, foram resultado de troca de favores entre governo e seus aliados com a intenção de garantir a “integração” das informações e a segurança nacional .

Dentro da contraposição de imagens sob a perspectiva do “luxo e do lixo”, mostrando propagandas luxuosas versus imagens da miséria do país, o documentário se desenvolve, contando que a TV Globo, foi fundada por Roberto Marinho, jornalista e empresário do Grupo Globo, em 26 de abril de 1965, num cenário de ditadura militar e de aceleração econômico-industrial, ao mesmo tempo em que 60% da população se encontrava em situação de extrema pobreza. Além do mais, a ditadura instaurou a censura dos meios de comunicação, o que foi essencial para a manutenção da “ordem” interna no país. Programas, reportagens ou propagandas que desrespeitassem ou criticassem o governo eram tiradas de circulação e seus idealizadores punidos, pois na TV não havia espaço para torturas nem descontentamentos e a ordem era: Carnaval e Futebol para todos!

A TV Globo também teve ainda nesse período, alguns de seus programas censurados, mas conseguiu inovar, tecendo um “real próprio”, como se fosse uma espécie de “fábrica” de ideias desprovidas de conflitos. Por exemplo, nos telejornais da Globo, muitas notícias eram veiculadas, os problemas sociais eram mostrados de forma distorcida e sem conflitos e a maior parte da programação era ficcional, sem falar que tudo isso alternava-se com anúncios de produtos voltados para a elite e propagandas do governo. Devido esse fato, muitos especialistas acreditam que a TV Globo serviu como uma espécie de porta-voz do regime militar.

O sucesso da TV Globo deve-se também à sua vocação governista, propiciada por altos financiamentos e cordialidades políticas, em virtude disso, a emissora tinha como “obrigação” silenciar as verdades que ocorriam no país; pois sem isso ela não conseguiria se transformar na 4ª maior emissora de televisão do mundo (como de fato é hoje) ou podia ter o risco de ser fechada, como ocorreu com a TV Excelsior¹⁹, que perdeu sua concessão de funcionamento por se mostrar contrária à ditadura.

Ainda segundo o documentário, na década de 1970, as imagens ganharam um tom hipnótico, graças à chegada das cores na televisão; os programas baseados nos padrões norte-americanos se intensificaram, a programação foi diversificada com atrações humorísticas, jogos esportivos transmitidos ao vivo, jornais com notícias rápidas e sem aprofundamento, além de novelas, as ficções campeãs de audiência, que abordavam temas sociais brasileiros de forma “morna” ou caricatural. Consequentemente, a Globo saiu na frente, conquistando altos índices de audiência, os investimentos em publicidade aumentaram exorbitantemente, trazendo grandes lucros à emissora.

A partir de então, o “Padrão Globo” de programação já se instaurou, auxiliado pelas imagens extremamente estimulantes que deram um colorido a mais nesse “real próprio”, fazendo o possível para fragmentar e ocultar o real, oferecendo às pessoas, uma postura consumista e por vezes, até conformista. Tendo isso em vista, Morin (2004) aponta que quando os discursos se fecham em si mesmos, eles se transformam em doutrinas com suas ideias sem espaço para questionamentos, como se fossem

¹⁹Criada na década de 1960, a TV Excelsior é considerada uma emissora inovadora na história da televisão brasileira enfatizando o jornalismo, as séries e filmes estrangeiros em sua programação.

verdades absolutas, dogmas que são normalizados coercitivamente, resultando num *imprinting* cultural.

O poder imperativo e proibitivo [do] conjunto de paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos, as ideias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não-contestadas, os absurdos triunfantes, a rejeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais. (*Ibid.*, p.27).

Indubitavelmente, como mostra o documentário, a intenção da Globo de “mascarar” a realidade dificulta a possibilidade de surgimento de contracorrentes de contestação, que instigam o debate de opiniões e a relativização das próprias ideias como uma maneira de dialogar com elas. Ressaltando que o questionamento ideias é o primeiro passo para denunciar os erros existentes nelas e perceber que elas podem ser revistas para e pela própria humanidade.

As sociedades domesticam os indivíduos por meios de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as ideias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla. (*Ibid.*, p.29).

Nos anos 1980, a Rede Globo continuou apoiando os governos de situação e suas abordagens continuaram ainda parciais e superficiais. Prova disso é que, enquanto a televisão já noticiava os acontecimentos da realidade brasileira, na Globo, os comentários e reportagens eram apresentados através de coberturas “soft”, sem profundidade ou apenas com pequenas menções.

O documentário exemplifica com as imagens da transmissão da Greve dos Metalúrgicos do ABC Paulista, em 1979, onde a emissora transmitiu o fato sem som ambiente, para não escutar o protesto dos operários e só mostrou a opinião dos patrões. Outro exemplo foi o movimento pelas eleições presidenciais diretas. No momento em que uma multidão foi às ruas para reivindicar pelo direito ao voto, a TV Globo simplesmente ignorou o fato (de caráter nacional) e apenas noticiou as comemorações dos 430 anos da cidade de São Paulo, que ocorriam no mesmo dia. Enfim, mesmo com o fim do regime militar, a emissora ainda “censurava” determinados

assuntos e com isso garantia ao seu público diversão e informação, isentas de abertura para qualquer descontentamento, buscando passar a noção de bonança num país cheio de desigualdades.

Outro fato ocorrido em 1989, em época de eleições presidenciais e em fase de segundo turno, a Globo realizou um debate entre os candidatos Lula (cogitado como o favorito nas opiniões) e Collor. Tendenciosamente, foi veiculado nos jornais da emissora um resumo do debate que priorizou as falas de Collor enquanto que muitas falas de Lula foram cortadas. Em seguida, divulgou-se uma pesquisa de opinião, feita pela própria emissora, na qual Collor saía bem em todos os quesitos. E de fato assim foi, Collor venceu as eleições, mas seu envolvimento com corrupção denegriu sua imagem e a daqueles que o apoiavam, dentre eles a da Globo.

Após este fato, uma nova atitude foi tomada, a Globo “aderiu” ao descontentamento popular noticiando os escândalos e o movimento Fora Collor, de 1992. Mas antes de ser exonerado do cargo, Collor renuncia o mandato para não perder seus direitos políticos, e mais uma vez, a Globo deturpa os fatos, noticiando que o povo teve êxito em sua reivindicação com o impeachment de Collor. Tem-se aí uma mudança de postura da emissora ao se aproximar mais da realidade, não só nesse caso, mas também abordando em suas novelas, por exemplo, temas sobre conflitos regionais como os sem-terra na novela Rei do Gado, de 1996.

Com certeza, a Rede Globo reinventou o Brasil, criando uma nova forma de expressão cultural no país, gerando uma noosfera de imagens e discursos fazendo com que pessoas dos mais recônditos lugares tenham acesso a uma programação comum a todas as classes sociais. Parafraseando o documentário, em quanto apenas uma pequena parte da população podia pagar pelos produtos apresentados nas propagandas da TV, a “maioria consumia somente as imagens”.

Significa que a noosfera Globo, mostrada pelo documentário, tenta fascinar o público através das imagens, aproveitando o próprio apelo que elas têm; por sua vez, algumas pessoas se identificam com as imagens e nelas projetam seus sonhos e vaidades, achando que comprando um certo produto que foi anunciado num programa ou no intervalo, vai se parecer com uma atriz ou cantora famosa, por exemplo, ou então

para ser socialmente aceito, “entrar na moda”. Enfim, de uma maneira ou de outra, a realidade cogitada pela Globo é a do consumismo.

Considerações Finais:

“Muito Além do Cidadão Kane” mostra que às vezes, ficar em frente à televisão, deixando-se hipnotizar pelos personagens de uma novela, uma propaganda ou pelo prêmio que um indivíduo ganhou num reality show, retarda a nossa capacidade de interação com nós mesmos, com os outros e com o meio em que vivemos, muitas vezes atrasando os nossos desenvolvimentos de auto-organização.

Acredito que esse mundo reificado (havendo a coisificação das pessoas e a personificação dos objetos) no qual vivemos, onde o indivíduo é medido por aquilo que ele consome e pode pagar, a humanidade se distancia cada vez mais de si mesma, alguns resultados disso são: o ostracismo, a falta de diálogo, egoísmos e, principalmente, a intolerância. “Enfim, a morte ganhou espaço em nossas almas. As forças autodestrutivas, latentes em cada um de nós, foram particularmente ativadas, [...], por toda parte onde se multiplica e cresce a solidão e a angústia.” (MORIN, 2001, p. 71).

O século XXI surge trazendo em seu cerne a contradição. Ela pode ser percebida nos mais diversos setores, como na indústria alimentícia, que avançou a tal ponto, com o aprimoramento de suas técnicas de manipulação da natureza, de cultivo e produção, que hoje pode-se dizer que ela é autossuficiente, ao passo que milhares ainda morrem de fome. Outro exemplo é no ramo da tecnologia, que atualmente diminui distâncias, auxilia o trabalho humano, nos alimenta, veste, diverte; mas ainda é altamente poluente e degradante. Esses exemplos são fruto de um paradigma que compreende o mundo de forma disjuntiva, separando o ‘mundo dos sujeitos’ e o ‘mundo dos objetos’ e coloca a razão acima de tudo, esquecendo os outros aspectos da

natureza humana como as emoções e instintos; esquecendo que essa exacerbação da razão leva, segundo Morin (2001, p 81), ao erro e a ilusão.

Ora este paradigma do Ocidente, de resto filho fecundo da esquizofrênica dicotomia cartesiana e do puritanismo clerical, comanda também o duplo aspecto da práxis ocidental, por um lado antropocêntrica, etnocêntrica, egocêntrica desde que se trate do sujeito [...] por outro e correlativamente manipuladora, gelada 'objectiva' desde que se trate do objeto. Ele está relacionado com a identificação da racionalização com a eficácia, de eficácia com os resultados contabilizáveis; é inseparável de toda uma tendência classificacional, reificadora, etc., tendência corrigida, por vezes com dificuldade, por contratendências aparentemente 'irracionais', 'sentimentais', românticas, poéticas.

A humanidade necessita aprender com as experiências dos séculos passados e entender que, se não mudar essa maneira totalmente desenfreada e inconsequente de agir e pensar no mundo pode cometer um “suicídio em massa”, e sabe-se lá se vai sobrar ao menos paus e pedras...

Por isso, concordando com Morin, se faz necessário instaurar uma Ética Planetária com bases na solidariedade e na responsabilidade, acima de qualquer nacionalidade, classe, religião, raça, cor, para que juntos possamos desenvolver a consciência de que compartilhamos o mesmo Planeta, no qual “tudo está tecido junto”.

Poder-se-ia esperar, igualmente, que a necessidade de volta às raízes, que mobiliza hoje fragmentos dispersos da humanidade e provoca a vontade de assumir identidades étnicas ou nacionais, pudesse aprofundar-se e ampliar-se, sem negar-se a si mesmas, nesta volta às raízes, ao seio da identidade humana de cidadãos da Terra Pátria. Pode-se esperar uma política a serviço do ser humano, inseparável da política de civilização, que abriria o caminho para civilizar a Terra como casa e jardim comuns da humanidade. (MORIN, 2004,p.73).

Portanto, tomando de exemplo este documentário, acredito que não devemos tentar escapar apenas da influência da Rede Globo e sim, unir esforços para uma mudança paradigmática pautada na reflexividade sobre nós mesmos, nossas ideias e atitudes e na responsabilidade planetária.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2004.

SODRÉ, Muniz. A Consciência e o Olhar. In: **A Máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

Muito Além do Cidadão Kane. BBC Londres, 1993. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA> .